

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF. 1998. Nas páginas 31 a 35 – orientações sobre que fala e que escrita cabe à escola ensinar.

SANT'ANNA, Flávia M. **Microensino e habilidades técnicas do professor**. 2ª edição. Porto Alegre. Bels, 1975.

BIBLIOGRAFIA

CETEB – Centro de Ensino Tecnológico de Brasília. **A comunicação em sala de aula. Desenvolvimento de habilidades de ensino.** Elaboração: Heliane Maria Bergo e Equipe Técnica do CETEB. Página. 31 a 33.

Eric Jensen, *The Learning Brain, Turning Point for Teachers*, 1994.
Joseph O'Connor and John Seymour, **Treinando com a PNL**, Summus Editorial., 1996.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolette. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU. 1986.

Projetos Logos II – **TREINAMENTO DE MICROENSINO – CETEB.** Brasília. Módulos 01 a 06, 1986.

Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1997.

RESENDE, Carlos Alberto. **Didática em perspectiva.** Tropical Gráfica. Editora LTDA, Brasília. 1999.

Richard Bandler and John Grinder, **A Estrutura da Magia**, Ed. Guanabara Koogan, 1977.

www.aberje.com.br/livros/livro1/saber.htm.

www.pnlbrasil.com.br/livrosn/livros.htm

Conclui-se nesta monografia que a interação professor x aluno x conteúdo no processo de aprendizagem, tem especial interesse na construção do saber e no papel assumido pelo professor nesta interação. Estudando a relevância da construção de sentidos no processo de aprendizagem e o papel ou papéis que o professor assume durante essa interação. Verificou-se que os sentidos se constroem nas trocas interativas que acontecem na mediação feita pelo professor entre o aluno e o conteúdo. Constatou-se que essa construção é feita à medida que o conteúdo/conceito se torna significativo para o aluno e quando pode relacionar-se, numa situação de equivalência, a conteúdos/conceitos por ele já conhecidos e internalizados. Constatou-se ainda, a fim de permitir que os alunos amadureçam funções que lhes propiciem efetivar essa construção e apropriar-se mais facilmente dos conteúdos/conceitos. Percebeu-se que o professor não tem exata consciência do papel que assume na interação e que esse papel não é único, ou seja, ele varia desde uma "postura tradicional" até uma "postura libertadora", dependendo do contexto ou da situação a que se refere o conteúdo desenvolvido e os sentidos a serem construídos.

CONCLUSÃO

Quando o professor disponibilizar a inter-relação dos conteúdos durante as suas aulas, dentro e fora da sala de aula, através da pesquisa, das tentativas, que vão do erro para o acerto ou do acerto para o erro até conquistar o conhecimento, a criticidade e assim chegar a uma conclusão. A diferença é que esta conclusão provocará a busca de outras respostas e novas conclusões, nem sempre dominadas pelo professor.

Acredito que a interação entre professor e aluno é fundamental para que ocorra o processo educativo. E esta acontecerá na medida em que houver empatia e respeito. As atitudes e exemplos do educador em sala de aula, orientarão esta prática. É importante também, que o educador tenha sensibilidade para ensinar a teoria e aproximá-la da prática de seus alunos, para que estes saibam como vivenciar melhor sua realidade e como modificá-la se preciso. Respeitando a individualidade e realidade de cada um, poderemos então, interagir com eles e realizar o processo educativo

Todo trabalho desenvolvido nesta monografia tem como princípio uma intensa participação do aluno no processo ensino-aprendizagem. Utilizou-se da metodologia freireana por tê-la um caráter dialógico, considerando a priori as reais necessidades do educando, utilizando da sua vivência e respeitando o processo do seu conhecimento, acreditando o educador ser capaz de organizar este conhecimento e priorizar a sua formação enquanto cidadão. Baseando na proposta de que o Professor não é um repetidor de informações que estão nos livros, contou-se com a interação Professor - Aluno, estimulando sempre a busca de materiais de trabalho, até mesmo na sua produção, pois não encontra-se material capaz de dar conta da necessidade desse Aluno. Portanto uma das tarefas desenvolvidas pelo educador, é de pesquisar materiais, metodologias, ferramentas e mecanismos para conduzir a sua aula, tornando-a interessante e estimuladora.

Entende-se que é preciso acreditar, antes de tentar qualquer mudança positiva na vida social desses Alunos.

fim, transformar em texto. Mesmo que a Escola ofereça aulas de redação durante 10 anos, seus alunos continuarão sem saber escrever. Não é a gramática, nem os estranhos aquecimentos das aulas de redação que criam o texto. O texto é criado pelo pensamento. A criação de um texto é um ato extremo de comprometimento e maternidade. Daí seria mais útil uma aula de Filosofia, Sociologia, Atualidades e Lógica do que redação. Da mesma forma, a gramática só tem sentido se estiver a serviço da inteligência e da expressão, não da norma pela norma. Mesmo quando se propõe, modernamente, parte de um texto, estudar a gramática e produzir outro texto é artificial e inócua. Não há comprometimento ou mobilização interna pela necessidade da expressão escrita. Seria mais natural se o Professor de Português considerasse as redações feitas nas provas e trabalhos das outras disciplinas.

COMUNICANDO SEU APRENDIZADO PELO ENTUSIASMO

Liderança é o processo de levar os estudantes a seguirem suas sugestões. Se você está em rapport, os estudantes farão isto facilmente. Antes, os professores diziam que os estudantes que não seguiam suas sugestões, eram estudantes "resistentes" ou "desobedientes". Faz mais sentido dar-se conta que quando os estudantes não seguem a liderança, significa apenas que eles ainda não estão em rapport suficiente com você. Isto é algo que você pode mudar, quando você aprender as habilidades de rapport da PNL.

Professores de sucesso são também hábeis em usar elegantemente sua linguagem levando os estudantes a aprender e mudar. Quando estudamos professores habilidosos, descobrimo-los usando sua linguagem com cuidado para criarem o tipo de representações internas (imagens/sons/sensações/etc.) que eles desejam que seus alunos tenham. Afim de entenderem o que você diz, seus alunos fazem uma representação interna de suas palavras.

Professores hábeis estruturam cada uma de suas palavras de forma que elas produzam a representação interna que eles desejam que seus alunos tenham. Esta arte, chamada "SUGESTÃO" em hipnose, é muito poderosa.

Escola, na prática, só valoriza a escrita. Senão, por que tantas aulas de redação e nenhuma de oralidade? Até parece que durante a vida o indivíduo se comunica principalmente por bilhetes e não pela fala. Talvez as antigas chamadas e os exames orais tivessem outro valor além da avaliação. Hoje, mais do que nunca, se fala mal. É bem verdade que a televisão calou a família e a escassez do convívio, pelas exigências da vida moderna, nos encurtou as conversas. Até no lazer dos jovens, as músicas são tocadas em tal volume que os impedem de dialogar, o que, para alguns, chega a ser uma benção redentora. De qualquer forma, a Escola precisa rever o seu compromisso com a fala, com essa oralidade cidadã que permite a participação social e profissional do indivíduo, a expressão das suas idéias e sentimentos, dos seus questionamentos e emoções, tornando-o parte ativa da comunidade. A fala é a principal forma de expressão do ser humano e precisa ter uma ação contínua, intencional e planejada do educador.

Na ordem natural, depois de ouvirmos e falarmos, nós lemos. Lemos todos os símbolos a todo momento, inclusive a escrita formal: nos jornais, revistas, gibis, bilhetes, comunicados, contas, cartas, rótulos, receitas, bulas, publicidade, letreiros, manuais, letras de músicas, anúncios, "e-mails" e até livros, assim tudo deve ser lido na Escola e trabalhada essa leitura. Porém, o livro é uma peça de arte, a literatura é arte. Daí preocupa, principalmente nas séries iniciais, a leitura obrigatória de um determinado livro bimestral, escolhido por alguém para ser lido pelo outro, sob o pretexto de despertar o gosto pela leitura. Qual o critério para se escolher um Picasso ou um Murilo para se despertar o gosto pela pintura? Todos sabem que um livro é um presente muito pessoal. A Escola deveria oferecer várias opções planejadas de gêneros e estilos literários, prosas e versos, permitindo que o paladar do aluno desfrute de todos os sabores, se refine e amadureça antes de optar pelo verdadeiro prazer. Devemos incentivar a leitura de tudo, muito, sempre, para, no mínimo, criar o hábito, treinar os olhos e viciar.

Por fim, tratemos da escrita, a mais complexa das quatro irmãs. Escrever não significa apenas conhecer a norma culta, que por si só já é um trabalho hercúleo, daí a dificuldade. A escrita implica ter idéias, organizá-las com método e critério, escolher a melhor forma de expô-las, ter estilo e, por

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Comunicar-se bem, pela fala e pela escrita, é fundamental. Saber expressar-se corretamente, de forma clara e objetiva, é meio caminho andado para o sucesso na vida profissional ou privado. Se o carisma e a lábia são primos que têm em comum a boa comunicação, a linguagem e o pensamento são irmãos xifópagos, daí a importância do aprendizado da língua e das suas linguagens. O trabalho em equipe, a apresentação de propostas, o bom relacionamento entre os indivíduos, competências tão valorizadas nos dias de hoje, passam, obrigatoriamente, pela capacidade de bem falar e escrever, da mesma forma que saber posicionar-se, argumentar, criticar, analisar, sintetizar etc. são habilidades que também exigem essa capacidade.

Saber comunicar-se bem é saber transformar idéias e sentimentos em palavras, na forma e no momento adequado, compreendendo e fazendo-se compreender, pois a comunicação é uma via de duas mãos, exige inteligência e expressão. A inteligência tem duas percepções - o ouvir e o ler - e a expressão duas manifestações - o falar e o escrever - por isso o aprendizado da língua deve desenvolver essas quatro habilidades - sem perdermos de vista que este aprendizado é uma ferramenta imprescindível para qualquer outra área do conhecimento. Claro que a palavra não é a única forma de comunicação, todas as artes, os gestos, os sons e as imagens também o são, mas o verbo é criador.

Primeiro ouvimos, é o que faz a criança, e depois falamos. Não é por acaso que temos dois ouvidos e uma boca. Educar o ouvido, torná-lo sensível e atento, perceber entonações, ritmos, significados nas palavras e frases. A Escola ainda é negligente no compromisso pelo desenvolvimento dessa habilidade: o ouvir.

Agora, quanto ao falar, desenvolver a oralidade, é mais do que negligente: é omissa. Não precisamos ter a oratória, mas falar bem é essencial na vida. A palavra falada revela a alma, é pela boca que sai o sopro divino em forma de verbo, como ensina a concepção judaica e cristã. Mas a

A comunicação não-verbal é que mostra reais sentimentos e atitudes do emissor e, freqüentemente, altera o conteúdo das palavras.

Saber ouvir é a mais difícil das habilidades da comunicação e exige muitos cuidados por parte das pessoas envolvidas no processo.

Disponibilidade, determinação e força de vontade podem ser a solução!

Otimista e voluntarista, Marcelo Rebelo de Sousa garante que não se podem 'baixar os braços' a este problema. Segundo o comentador político, a esta dificuldade acrescida deve responder-se com uma "maior determinação, disponibilidade e força de vontade". "Sei que é difícil, muitas vezes, pedir isso aos pais, por mim mesmo falo", explicou, realçando ainda a importância do "saber ouvir, falar e acompanhar" as crianças e os jovens. Para Marcelo Rebelo de Sousa, os pais, professores e educadores têm que proporcionar mais tempo e uma maior abertura para que seja possível o diálogo.

Numa altura em que tanto se fala do quarto poder da Comunicação Social, este responsável sublinhou o papel da televisão, rádios e jornais, na formação do indivíduo. "A educação de hoje é feita pelos órgãos de comunicação social, pelos clubes, pelas associações, enfim, por tudo aquilo que ajuda a formar as pessoas desde que nascem até que morrem", assegurou³.

Para contrariar esta tendência, Marcelo Rebelo de Sousa defende assim que o essencial na educação é uma "pauta de valores", que ajude a saber pensar, sentir, exprimir e a localizar no tempo. Se antes o sistema educativo era visto, segundo aquele responsável, como uma "tarefa a full time", Marcelo Rebelo de Sousa não se inibe e falar já da educação a 'hiper full time'. Afirma mesmo que, exemplo disso é o facto dos adultos se educarem uns aos outros⁴.

³ www.pnlbrasil.com.br/livrosn/livros.htm

⁴ www.pnlbrasil.com.br/livrosn/livros.htm

Para ouvir melhor são importantes cuidados tais como:

- Usar o tempo mental vago para entender melhor o que ouviu, procurando analisar, estabelecer relações, etc.;
- Ter tempo para ouvir;
- Parar de falar para ouvir;
- Interessar pelo que está ouvindo. Colocar-se no lugar do outro para entendê-lo melhor, ouvindo-o sem preconceito e predisposições negativas;
- Prestar atenção a quem fala. É necessário fugir às distrações;
- Controlar as emoções. É preciso evitar que as emoções interfiram na comunicação;
- Ser cauteloso ao criticar. É importante fazer as críticas de forma positiva, evidenciando uma intenção de ajudar;
- Respeitar as opiniões alheias. É necessário aceitar as idéias que diferem das próprias idéias;
- Certificar-se de ter entendido bem. É importante ouvir o que a pessoa tem a dizer sem interrompê-la, repetindo com suas palavras o que ouviu, só formulando a resposta depois de ter a certeza de ter ouvido e entendido o que foi dito;
- Ouvir para compreender. É fundamental ouvir, procurando entender e não fazer para responder, evitando as interrupções desnecessárias;
- Ouvir ativamente. É conveniente procurar entender e aplicar a mensagem;
- Procurar olhar para quem fala. É bom lembrar-se de que a visão ajuda a audição;
- Valorizar a pessoa. É fundamental procurar entender seus pontos de vista, interesses e limitações;
- Evitar preconceitos e pré-julgamentos. É importante interpretar a comunicação no seu conjunto para depois entrar nos detalhes;
- Anotar as idéias essenciais, quando a situação assim o possibilitar ou exigir;
- Evitar interrupções externas. É necessário eliminar a máximo as interrupções externas;

A comunicação é fundamental para o professor e exige muita habilidade.

Falar é uma habilidade que exige vários cuidados, já que é um poderoso instrumento de união ou desunião.

SABER OUVIR (Receptor)

Hoje em dia há muitos problemas de comunicação, acontecem porque as pessoas não ouvem bem. Freqüentemente o professor cerca-se de cuidados ao falar mais, ainda assim, a comunicação não acontece conforme o esperado, pois ocorrem interferências que impedem o aluno de compreendê-la.

Várias são as razões que levam a pessoa tanto o professor quanto o aluno a ouvir mal.

Estes alguns problemas dectados por estudiosos; os principais são:

- Ser capaz de ouvir mais rápido do que a outra pessoa pode falar (de quatro a cinco vezes mais). Com isto a mente fica com tempo vago para ocupar-se de outros assuntos;
- Ouvir de forma preconcebida. Com isto, a pessoa percebe interesses, segundas intenções no que ouve, só registra o que está de acordo com idéia;
- Desvalorizar o interlocutor não dando crédito ao que ele diz, considerando suas idéias sem importância;
- Ter opiniões formadas sobre o assunto e ouvir não para compreender, mas para contra-argumentar;
- Ouvir somente o que está de acordo com o que se acredita. Assim, só aceita aquilo com que concorda e desliga-se do que não aceita;
- Ouvir mal quando se encontra em conflito íntimo, ou seja, quando está dividida entre interesses divergentes;
- Antecipar o que se pensa que outro quer dizer, tirando conclusões apressadas e freqüentemente errôneas;
- Ouvir somente o que pode trazer algum proveito, movido por um interesse;
- Ouvir sentindo-se inferior a quem fala. Neste caso a pessoa se quer se dá conta de eventuais contradições ou de posições divergentes da sua;
- Simular interesse, ocupando a mente com outro assunto;
- Desconhecer palavras e expressões usadas, o que torna a comunicação difícil;
- Expressar, por meio de olhares, gestos e atitudes, desinteresse pelo trabalho;

O SABER... FALAR E ESCREVER BEM...

Meia hora, uma, duas. Nenhuma idéia surge. De repente, elas chegam aos borbotões. Os olhos percorrem os cantos da sala. Escreve, apaga, reescreve. São momentos de pânico. Principalmente quando as tais idéias precisam se transformar em um plano de aula. Para evitar que isso aconteça, o ideal é se preparar com antecedência.

Ninguém aprende a escrever com agilidade em um dia ou uma semana. Escrever não é fazer mágica. "É muito mais um processo, com passos a seguir bem definidos",¹ "O primeiro passo é muito simples, além de divertido: trocar idéias com professores e colegas."²

Percebe-se que as redações melhoram muito quando os jovens trocam opiniões a respeito de um assunto ou conversam sobre os próprios textos. Seja na sala de aula, no pátio do colégio ou no shopping. É nesse momento que as idéias se organizam e o texto pode ser melhorado.

Com os comentários e sugestões dos colegas e professores em mente, escrever fica muito mais fácil e rápido. Mas é preciso paciência.

Aprender as regras gramaticais também é essencial. Quando o aluno não domina as regras, fica limitado e não escreve bem.

Outro fator de bloqueio para os alunos é a obrigação de escrever um texto dissertativo. O estilo exige uma grande capacidade argumentativa dos estudantes, as universidades deveriam dar mais opções de texto, como a narração e a descrição.

¹ Artigo publicado no site www.aureliogalvao.hpg.ig.com.br e extraído originalmente do suplemento "Gabarito", do Correio Braziliense, edição de 25 de março de 2002.

² IBIDEM

visão horizontal as mensagens são fatos ou idéias a serem analisados, discutidos, reorganizados.

O código é o terceiro elemento do processo de comunicação e refere-se ao como se diz. Podem ser usados, como código, as diversas línguas, gestos, símbolos, desenhos, etc. Os códigos servem igualmente às duas visões do relacionamento professor-aluno.

O canal, é o meio através do qual se diz. Assim, o canal pode ser um livro, um jornal, a televisão, as inscrições no quadro-de-giz, a própria fala, etc. Observa-se que o professor que vivencia um relacionamento horizontal em sala de aula costuma utilizar maior variedade de canais para transmissão das mensagens do que o professor tradicional.

O receptor, ou seja, a quem se diz. Fica clara a posição do aluno receptor na visão vertical do processo de ensino-aprendizagem, não é mesmo? Ao passo que na visão horizontal ambos são emissores e receptores.

A comunicação envolve necessariamente dois elementos: a expressão e a compreensão.

Na visão vertical privilegia-se a expressão sem se preocupar se está realmente havendo a compreensão.

O professor não se preocupa em verificar se o aluno compreendeu, da mesma forma que ignora o que o aluno tem a dizer.

Na visão deste processo deve propiciar o desenvolvimento da comunicação efetiva em sala de aula, ou seja, considerar que a comunicação é a expressão de sentimentos e emoções tanto quanto de idéias.

Professor e aluno devem comunicar-se, estabelecendo uma relação de troca verdadeira, de forma harmoniosa, transformando a sala de aula em um espaço participativo. Assim, ambos expressam suas idéias, seus sentimentos e suas emoções num clima aberto receptivo e de compreensão.

Esta é uma forma de interação que possibilita a construção do conhecimento, a valorização das pessoas, o fortalecimento da auto-estima, tornando as pessoas receptivas. As situações de ensino-aprendizagem devem possibilitar o desenvolvimento das habilidades essenciais da comunicação: Saber Falar, Saber ouvir, dar e receber feedback.

onde a pele cobre a gordura e a carne, estas os músculos, estes os ossos e os dois proporcionam a forma final do braço, ou seja, da pele.

A inter-relação de conteúdos não pode acontecer quando pensamos de forma isolada ou limitada, mesmo que o assunto ou tema restrinja a pesquisa de forma mais ampla. É necessário sempre tentar a busca pelos saberes a partir de caminhos variados, mesmo que ele conduza ao erro. O erro é parte do processo pela busca dos saberes, ou seja, o da construção do conhecimento. Um artista quando representa através do seu trabalho um modelo precisa ter conhecimentos bem variados, que vão além das suas habilidades e capacidades técnicas, mesmo quando são autodidatas, seja na produção de uma obra artesanal ou uma obra de arte, como os efeitos provocados pelo claro/escuro, a variação ou gradação dos tons, a opacidade e a transparência. Quando está pintando uma paisagem, por exemplo, será preciso que ele tenha de alguma forma domínio sobre a ação da luz sobre os elementos que estão sendo usados como modelo, a textura e a capacidade de absorção/reflexão da luz, a massa (*para determinar o peso da forma em seu meio*), uma pena não pode ser representada da mesma maneira que uma pedra. É esta busca pela pluralidade dos saberes que levam muitas pessoas dizer que alguns artistas estão além do seu tempo, porém sabemos que ele apenas observou seu meio e vislumbrou no que poderá resultar determinada ação humana, fato muito comum na literatura clássica ou moderna, no cinema e na televisão.

SABER FALAR (Transmissor)

A comunicação em sala de aula, faz parte da dinâmica da sala.

O primeiro elemento do processo de comunicação é o emissor ou a fonte, isto é, quem diz.

Numa sala de aula em que se estabelece um relacionamento vertical entre o professor-aluno só quem diz efetivamente é o professor. É ele o dono do saber, o que tem algo a dizer. Em um relacionamento horizontal ambos atuam como emissores, pois tem o que dizer, possuem os próprios saberes.

O segundo elemento é a mensagem, ou seja, o que se diz. Na visão vertical as mensagens são verdades prontas, acabadas, inquestionáveis, enquanto que na

As Ciências hoje em dia definem que tudo aquilo que é verdadeiro neste momento será uma inverdade amanhã, pois novas descobertas serão feitas e tudo que foi proposto ou descoberto num dado momento poderá até mesmo ser desprezado no futuro e muitas vezes aquilo que era uma mentira passe a ser uma verdade.

Tomando como base este contexto é possível concluir que não se pode apresentar uma informação sem que haja uma interação entre professor/aluno e aluno/professor, ou até mesmo o contrário, e que ambos respeitem a vivência local e espacial de cada parte, na maioria das vezes gerada pela tecnologia, que cada vez mais proporciona a interação entre usuário e a máquina ou outro usuário, de forma virtual e que poderão estar separados por grandes distâncias.

Quando se propõe a realização da inter-relação de conteúdos não se trata apenas transmissão informações, por parte do professor, sobre o conteúdo trabalhado em outras disciplinas, mas de forma integrada buscar respostas aos conhecimentos plurais, sobre a pesquisa dentro da sala de aula.

A tecnologia permite a busca por novas informações com uma facilidade muito grande, por exemplo, em tempos não tão remotos para se obter uma informação sobre o trabalho de pesquisa de uma Universidade, ou você residia na cidade onde ela estava localizada ou teria que usar os Correios, fazer uma solicitação para a Universidade, esperar a sua aprovação, pagar taxas para a reprodução do material solicitado e esperar muitas vezes até seis meses.

Então nos é permitido concluir que a sala de aula é um local de pesquisa, onde aluno e professor, em conjunto, buscam a construção do conhecimento e este para ser verdadeiro precisa ser plural, ou seja, é preciso ter o conhecimento do todo.

Como exemplo desta situação podemos citar os artistas plásticos que para desenhar, esculpir ou modelar uma forma não basta que conheçam as suas características externas, pois desta maneira seria impossível representá-la de forma adequada a que se propõe. É preciso que este artista tenha conhecimento do seu interior, se o elemento é oco ou maciço, a sua massa, o que proporciona a sua forma externa interiormente, exemplo o corpo humano, mais precisamente o braço,

fazer, o prazer do esforço e do convívio, a solidariedade, a capacidade de troca. Educação queria dizer auto-formação, apetrechamento, libertação.

Pensar na Educação talvez tenha de começar por aqui, e talvez apareçam como menos complicados os tais desafios do futuro, caso contrário, continuar-se-á a puxar pelas folhas.

SABER FALAR, SABER OUVIR, O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NA COMUNICAÇÃO

Como se decifrar os enigmas de se saber falar e ouvir

A pluralidade do conhecimento muitas vezes não é bem definida na sala de aula e as disciplinas se isolam do todo. A questão pluralidade dos conhecimentos é pouco abordada dentro do processo de ensino/aprendizagem por não estar direcionada a construção do conhecimento, ou seja, o processo ensinar/aprender não é plural, ele é sim unidirecional porque vai sempre em um único sentido, a do professor para o aluno. No entanto, quando acontece a inter-relação dos conteúdos a pluralidade não é apenas o ensinar/aprender passa a ser ensinar/aprender/ensinar, pois permite que professores e alunos se interajam durante a construção do conhecimento e ambos construam o conhecimento e dominem o saber.

Os profissionais da educação tem que perceber que não há como manter as mesmas condições do século passado (XX) na sala de aula, não apenas no sentido dos conteúdos, mas em relação aos objetivos, propostas, metodologias e avaliação. Nada está isolado em nosso pequenino mundo, ou melhor, universo, o mesmo deve ocorrer na sala de aula.

O aluno só sentirá motivado quando ele for parte do processo ensino/aprendizagem/ensino e não mais apenas como um receptor de informações "incontestáveis" vinda de um professor que "domina" um saber.

Os programas e as práticas escolares, nas suas contínuas oscilações, continuam a não conseguir resolver a aparente contradição entre a memorização e reflexão, método e criação, rigor e imaginação, investigação e opinião, obrigação e prazer. Alheios a qualquer preocupação de intervenção pública, o trabalho e o saber escolares, essencialmente reprodutores, centram-se em aprendizagens formais e aplicam-se sobretudo a descrever, através de nomes e números, realidades parcelares cujo sentido é um pormenor.

A própria hierarquização dos graus de ensino e os aberrantes tratamentos dados ao grau inferior e ao grau superior, destinado a uma multidão de raros apenas que se digladiam no antes, durante e depois, tem consequências perversas em todo o trabalho e saber escolares. Substima-se (omitindo ou retardando) a aquisição, construção e desenvolvimento de ferramentas; sobrevaloriza-se (introduzindo prematuramente e repisando) conhecimentos finais (terminologias, definições, classificações). A obrigação do saber e o desinteresse pelo saber desde cedo substituem o prazer da aprendizagem.

Para acabar, o passado

Há três observações com vista ao tal futuro:

1. Não foram as campanhas de adultos dos anos 50 que alfabetizaram o país.
2. Não foi a democratização do ensino que deteriorou o ensino nem fez baixar o nível cultural do povo português.
3. As mudanças mais importantes no terreno da educação não foram o resultado de Reformas Educativas, mas de situações de grandes transformações sociais, onde o futuro aparecia a cada um como radicalmente diferente do presente, e onde o saber-fazer eram fonte de garantia da felicidade no presente.

Em qualquer destes casos, obviamente irrepetíveis, as aprendizagens, prenderam-se com a necessidade, a curiosidade, a vontade, a ação, o gosto de

A escola também não é um local de tratamento das doenças inerentes à própria organização social. E a aproximação das escolas no modelo empresarial só aumentará a sua ineficácia neste domínio.

2.º equívoco: liberdade de ensino, ensino público, participação na educação.

A liberdade de ensino não é sinónimo de incremento do ensino particular e de atividades comerciais e industriais que aplicam à transmissão do saber e à educação as regras do mercado. A desvalorização do ensino público, além de obviamente acentuar desigualdades, torna cada vez mais improvável a integração do ensino na educação.

A participação das populações na tarefa da educação não pode ser confundida com o assento nos órgãos de gestão das escolas de eventuais representantes de empresas e de pais.

Seria, aliás, interessante avaliar as reais funções, representatividade e autonomia das associações de pais e ter a certeza de que a qualidade de pai gera interesses e saberes comuns capazes de justificar esta forma de associação e participação.

3.º equívoco: a qualidade do ensino.

Essa qualidade que as notas nunca poderão medir, não é assegurada prioritariamente pelas avaliações, nomeadamente pelos exames nem pelas fórmulas e cálculos que fazem aceder ao Superior, nem por medidas uniformizadoras. Seria sim urgente encarar a inadequação das aprendizagens dos professores aos trabalhos que as escolas lhes reservam e o perigo da sua progressiva conformação a modelos híbridos parentes do missionário (abnegado) e do técnico (obediente) e que as chamadas ações de formação (e respectivos créditos) vão acentuando.

Passo ao saber escolar

O sentimento da ineficácia da escola prende-se com as características do trabalho e do saber escolares que, apesar de formalmente alterados, mantêm a sua esterilidade.

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

O problema da educação não é o problema do ensino, que não é o problema do sistema educativo, que também não é o problema dos financiamentos e da gestão das escolas ou dos regimes disciplinares. A educação será também tudo isso, lugar menos comum: As questões da educação não podem ser colocadas - e cada vez com mais razões - exclusivamente (nem talvez prioritariamente) dentro do quadro de um Ministério da Educação.

Se o Estado e a Sociedade se reconhecem numa organização social que admite a desigualdade, a injustiça, a incompetência como componentes naturais de qualquer sociedade, a competição e a obediência como valores em si, e que encara a cultura como um terreno à parte, que vem depois, confundindo-a com um luxo necessário a algumas elites e uma distração necessária ao povo, é difícil colocar a questão da Educação que tende a ser substituída pela do Ensino que prepara para a vida e que toma abusivamente o seu nome.

Passo à instituição escolar

Na instituição escolar há três equívocos. A manterem-se, eternizarão as disparidades entre discursos, medidas e práticas - ou seja, *a pouca credibilidade da escola*.

1.º equívoco: a escola como salvação.

A escola não é um lugar onde se possa impor ou transmitir valores e saberes que a Sociedade não utiliza e o Poder não promove.

E de fato, não é preciso (antes pelo contrário) saber ouvir, falar, ler, escrever, contar, pensar, propor, justificar, inventar, ser dono de si próprio, para ser esse tal bom consumidor e ter sucesso; e não é coletiva nem solidariamente que as soluções de vida e de felicidade se encontram.

INTRODUÇÃO

A presente monografia discute a linguagem do professor x aluno fazendo uso do principal meio que seria na linguagem a escrita e a fala destacando que para os mesmos alcançarem objetivos claros e definidos é necessário também se saber ouvir, pois fazem parte do cotidiano e da cultura de alunos e professores. O problema mais importante a resolver é saber como utilizá-los para possibilitar uma educação adequada à realidade da cultura midiática, tendo a Escola o papel de mediação, capacitando os alunos para serem cidadãos críticos, livres e que saibam pensar e escolher por si próprios.

Em 1869, Auguste Blanqui dizia: Ocupemo-nos com o hoje. O amanhã não nos pertence, não temos a ver com ele. O nosso único dever é preparar-lhe bons materiais para o seu trabalho de organização. O resto não é da nossa competência.

É, para mim, pelo menos incomodo, pensar num futuro (próximo) que não é, de fato, uma terra de ninguém. Em princípio, esse futuro pertence aos que vêem e desejam como uma natural continuidade do presente (que evidentemente terá de ser melhorado) e não àqueles a quem, como eu, o presente dificilmente deixa imaginar um outro futuro que seria, quase ponto por ponto, o contrário do presente que temos e, evidentemente, do passado que tivemos. É uma terrível desigualdade.

ÍNDICE

Introdução	06
O problema da Educação	07
Passo à instituição escolar	07
Passo ao saber escolar	08
Para acabar, o passado	09
Saber falar, saber ouvir, o processo ensino aprendizagem na comunicação	10
Como se decifrar os enigmas de se saber falar e ouvir	10
Saber falar (Transmissor)	12
O Saber... Falar e escrever bem	14
Saber Ouvir (Receptor)	15
Disponibilidade, determinação e força de vontade podem ser a solução!	17
O Ensino da Língua Portuguesa	18
Comunicando seu aprendizado pelo entusiasmo	20
Conclusão	21
Bibliografia	23

"A escola precisa repensar urgentemente a sua relação com os Meios de Comunicação, deixando de ignorá-los ou considerá-los inimigos. A escola também não pode pensar em imitá-los, porque nos Meios predomina a função lúdica, de entretenimento, não a de organização da compreensão do mundo e das atitudes."

Andréia Cristina Alves e Silva Gomes Leal

*Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba- FACER
Centro de Ensino Superior de Rubiataba - CESUR*

*Monografia apresentada no dia 21 de novembro de 2003, como parte das exigências
do Curso de Filosofia*

Aprovada em: ____/____/____

*Prof. Paulo Henrique Castanhera Vasconcelos
(orientador)*

*Prof. Helena de Fátima Araújo
(professora)*

**SABER FALAR SABER OUVIR:
O processo ensino aprendizagem na comunicação**



**PESQUISA APRESENTADA
AO CURSO DE FILOSOFIA DA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO DE RUBIATABA, COMO
REQUISITO FINAL DE AVALIAÇÃO.
PROFESSOR ORIENTADOR PAULO
HENRIQUE CASTANHERA
VASCONCELOS.**

5.30714

Tombo nº	8470
Classif.	
Ex.	1
Origem:	d
Data:	20.03.04

RUBIATABA, DEZEMBRO DE 2003.

SABER FALAR SABER OUVIR:
O processo ensino aprendizagem na comunicação